

Bancos regionais dos EUA reagem à proposta de Baker

Nova Orleans, EUA — Os bancos pequenos e regionais reagiram desfavoravelmente ao plano do Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, para participarem de um esforço para emprestar mais 20 bilhões de dólares aos países endividados nos próximos três anos. Reunidos na convenção da Associação dos Banqueiros Americanos, nesta cidade, até alguns bancos grandes se mostraram cautelosos e reservados diante da iniciativa, revelou o jornal *The New York Times*.

— Não me envolverei de jeito nenhum nesse plano — disse o presidente do Texas First National Bank, de Houston, Orville W. Crowsler, ao comentar o apelo do presidente do Federal Reserve Board (banco central dos EUA), Paul Volcker, para que os bancos americanos apóiem a iniciativa de Baker. “Os bancos acham muito difícil justificar esses novos empréstimos diante dos acionistas”, explicou o vice-presidente do Mellon Bank, de Pittsburgh, Gerardo P. van Tienhoven.

Livre mercado

Em Washington, o Secretário James Baker declarou, em depoimento na comissão de assuntos bancários e financeiros da Câmara dos Deputados, que seu plano depende da adoção de políticas de livre mercado nos países endividados. “Sem novas políticas, não haverá dinheiro novo”, resumiu Baker. Entretanto, afirmou que não é sua intenção reforçar, através dos bancos privados, as políticas de austeridade

preconizadas pelo Fundo Monetário International. “Não estamos mais falando de austeridade, mas de crescimento”, asseverou.

Baker sublinhou que os países com grandes dívidas externas, especialmente na América Latina, devem diminuir a inflação, estimular a poupança interna e a iniciativa privada como forma de recuperar os capitais que “fugiram” para o exterior.

Em Nova Orleans, o presidente da Associação dos Banqueiros Americanos, Donald Senterfitt, disse que o plano do Governo Reagan para restabelecer o fluxo de empréstimos aos países em desenvolvimento precisa ser melhorado antes de ser aceito pelos bancos americanos. “É um belo pacote que, se for aberto, vai mostrar uma porção de coisas que ainda precisam ser definidas”, disse o executivo. Uma questão vital para os bancos é saber que tratamento os novos empréstimos receberão das autoridades administrativas que supervisionam o setor bancário nos EUA. Eles temem que tenham de reduzir seus lucros para aumentar a provisão para devedores duvidosos.

Baker, em Washington, disse no Congresso que seu plano exigirá maiores contribuições dos Estados Unidos para o Banco Mundial — o que os democratas criticam, por ampliar o déficit orçamentário. Mas explicou que isso só acontecerá quando houver “progresso substancial” em outros aspectos do plano, incluindo a adoção de novas medidas econômicas pelos principais países endividados e o apoio dos bancos comerciais.